

SAL DAS LÁGRIMAS

Livro 11

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Preparação de originais
Carmem Hanning

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



O SAL DAS LÁGRIMAS

Inunda-me o sal das lágrimas. Levo-as como se acabassem de inaugurar, reponho a tristeza aonde a decepção vem chorar, atraso o encontro até fazer-me senhor dos disfarces.



DIGNAS

Dignas por uma boca indigna, fiel transportadora de tantas infidelidades torna a mentira verdadeira e o valor da virtude em uma execrável sombra desvirtuada. Que calamidade te prepara quando enaltecem esses infames sentimentos que fazem desaparecer de tua cabeça toda e qualquer humanidade. E essadesumana que te transformas perpetua um desapaixonado favor que precipita, arrasta e destrói e te veda perceber o valor do amor de e pelo próximo, condenado ao desterro por perder a graça da vida e a paz tão necessária.

RECORDAÇÕES

Recorto o afeto que marcou o entardecer como símbolo do fim, os encontros íntimos, o passeio na praça principal de Pelotas, o assombro pelo movimento das águas do chafariz das Nereidas. Recordo-me conciliado com a paisagem coroada com o canto de inúmeros pássaros em indecifráveis conjuntos evocando unidade. Meus dias cantavam espalhados produziam memórias definitivas. Recordo os sentimentos que habitavam os vazios nômades conservados como lugar da experiência.



ESCOLHAS

Há escolhas que são de origem espontânea; outras, perseguidas, revelando significativos sonhos cuidadosamente polidos. Desde o ponto de vista da exatidão, ambas deixam muito a desejar, posto que existam desvios e desistências alterando a exatidão desejada.

A ÚLTIMA PENÚRIA

O dia entra de forma inesperada, reclamando-me com justificada raiva esse ritual de anular-me antes do tempo. Ninguém me explica as surpresas, as decepções não têm importância, pertencem ao previsível, são variantes que convém esperar. O compromisso maior será ter a curiosidade de conhecer o próximo desconhecido, olhar a solidão de frente e dar-lhe um nome e uma cara para humanizá-la, até a última penúria de hoje.



EPÍLOGO

Deixar-se possuir até entregar os pontos, entregar-se à leitura dos sonhos, de sonhos díspares que se entrelaçam por fronteiras mal determinadas criando sombras que superpõem segredos e se prendem na rede. Coisas que o vento não leva.

PONTO DE ENCONTRO

Neste meu lugar, quero o tempo que é meu. Repito um sonho que me confirma a memória, me olha atento, espera que eu entre em cena, recém-saído de uma dor cotidiana qualquer que quase não deixa rastros. Aqui espalho livros repetidamente lidos. Fixo lembranças nas paredes. Um quadro de avisos em silêncio guarda algumas notas de algo já vivido, que deixou significado. Faço deste lugar um ponto de encontro.

ESSAS MEMÓRIAS

Comparo-me com antigas fotografias; elas revelam-me, na estática figura que ali ficou imutável, um momento em que eu sonhava ser feliz. Lembram-me o que se passa comigo quando percebo que elas têm sentimentos registrados, já que nem todas as minhas recordações provêm da memória. Elas me deixam um rastro de saudades recuperadas de um arquivo familiar perdido. Preciso remeter minha vida ao que fui naquele lugar, onde provavelmente ensinaram-me quem sou. Prolongo esse sentir para fazer minha existência mais humana, ponho um novo sentido nesse velho sentir que me mantém e me guia.

MEU DESTINO

Depois que o tempo se impôs e a jovialidade se calou, a mesma natureza exuberante que me fez quem sou dá-me a tolerância para saber caminhar em direção ao meu destino e, se possível, sem deixar a tristeza se aproximar demasiado. Combinando o oxigênio e a ânsia, busco fôlego. Ensurdeço às palavras piedosas e componho ensaios enquanto possa fazê-los.



DENTRO DO PEITO

Gastei minhas procuras, vi vidas que a morte fria levou. Sem apontar o futuro, o rosto feiticeiro da morte esquiva-se. Reina em mim certa desordem misturo tempos, fotos, vivências. Meus sonhos têm vias que não são minhas.

CARAVELA

Contigo dou voltas ao mundo. É tanto o que tenho a viver contigo que me exilo do mundo para avançarmos no corpo a corpo.



SEDE NAVEGANTE

Em torno de ti meu mar encontrarei os caminhos para chegar definitivamente ao lugar pretendido. Dá-me teu tempo, serás meu apoio. Espreitarei e protegerei os teus caminhos por onde andarei. Jamais cessarão meus anseios em privilegiar o que me digas como tua necessidade. Declaro ser meu propósito ajustar-me a conhecer teu idioma, o tamanho da tua sede navegante.

MEUS CEDROS

As lembranças continuam guardadas dentro de mim, espero que meus cedros não saiam do mesmo lugar.



ATÉ O INFINITO

Grandes dunas aprisionam muros de areia impregnando o ar de silêncios e obrigando nelas andar e andar até o infinito.



CANSAÇO PEREGRINO

Esse cansaço peregrino se atira no amor depois do amor, pousa como brisa, cai com raio santificando o descanso. Fingindo não ter pressa pede licença para ativar devagar novas vontades.

DESAFINADOS

Minha alma distraída com intenções recém-plantadas, com resultados recém- recolhidos, fazem parte do meu deserto privado, meus vulcões, minhas dilúvios, meus sonhos danificados por falta de afinação na desorganizada orquestra priorizando imensos desafinados exílios, as fugas por fracasso e por derrotas acolhidas nas partidas, documentadas nos túmulos e sepultadas nos esquecimentos.



RESIGNADOS

Atravessando o mundo, meu principal interesse consiste em negociar, guiar as águas nos pés das montanhas. Alcancei ter tristezas indolores, vazias e confortáveis, não fosse um coração resignado ficar detido repartindo irônicas saudades, desolado por não haver tido acertos poderia ter sido um pouco mais feliz se pisasse o solo habitado e a alma consolada.

AS DUNAS ACOSSADAS

As dunas acoissadas por todos os lados pelo incansável vento noturno circulam sem improvisos, lançando-as desmontadas à distância ao encontro do seu destino atemporal.



CONTAR DE NOVO

A paisagem mais viva segue intacta nos olhos dos mais velhos. Apropriados da memória exaltada nos contam de onde vêm estas naves que trazem tantas certezas, de onde vêm tantas lembranças, os ares do velho contado de novo.

SENHOR DAS PRUDÊNCIAS

Senhor das prudências para ti não haverá descanso. Os perigos vivem de testar tuas certezas. Improvisam uma felicidade escondida na falsa promessa, revestem as inocências de coragem para nadar longe das margens.



CADA PASSO

Uma certeza atávica se soma a uma história certa. Remetidos a um tempo de silenciosas caravanas, enviam cada vida fraturada à ancestralidade que não se cansa de lhes alcançar-lhes a cada passo.

A SAGRADA FAMÍLIA

O adeus amarrado na célula, o sangue fervendo no caminho previsto, os teus olhos manipulando paisagens, os insultos fraturando a tua sagrada família.



SEGREDOS

Debaixo dos travesseiros, há velhos que guardam seus sonhos, dentro dos travesseiros há jovens que escondem seus segredos.

ESPERAS

O acúmulo de esperas, depois que estive tão longe, desde um convés vazio de terra, a abundância dos mares rompia meus equilíbrios, tentava juntar a minha solidão com alguma presença. O mesmo sol, a mesma lua, a terra longe e outros mares desconhecidos sustentando missões carregando meu povo, minha cultura, circulando minhas certezas, distribuindo minhas riquezas.



SINTO FALTA

Sinto falta dos passarinhos que revoavam na minha infância em voo coordenado desobedecendo os controladores de voo e, hábeis aterrissavam no meu pátio com parreiras e figueiras.

A CELEBRAÇÃO DO ORGULHO

A celebração do orgulho alterna programas equilibrados e comemorações onde desfilam rituais, movimentos de satisfação pela cooperação. Inspirados por tradições reproduzem o regozijo e o triunfo. São encontros audazes, são façanhas, proezas, méritos adquiridos por incorporar-se ao grupo e à cultura. Saber-se digno de dar vida e sequência a uma história que lhes origina



SONHOS

Sempre o maravilhoso sentir da caneta que, inquieta, plasma a vida, incentiva o valente ato de criar que no leva ao infinito desconhecido carregando nossa inocência e um tanto de sonhos adidos.

TARDES VAZIAS

Habitam-me personagens que vivem rondando minhas tardes vazias.



O OLHAR DAS CRIANÇAS

O olhar das crianças realiza milagres, multiplica futuros, interroga presentes, coleciona descobertas, confessa amores, tem muitos medos, sobe cumes, mergulha fundo. O olhar das crianças desvenda, não usa venda, busca cais e calmaria.



A FAZER

Nossos desejos se aproveitam de improvisos para convencer o coração de que o próprio, o desejo, se justifica.

SE EU NÃO PUDER

Se eu não puder pensar em primeira pessoa, perderei a oportunidade de ter a consciência do que me cabe ou não fazer por mim.



PARTE DO QUE DIGO

Finjo acreditar em parte do que me dizem. Canso-me ao cumprir as regras do jogo, principalmente quando o adversário insiste em modificá-las de acordo aos seus interesses.

LEVANDO EM CONTA

Pretendo ser mais ameno, descobrir uma paciência com novo verniz, conhecer algum idioma agregador. Pretendo ser o autor de novas superstições autorizadas, inventar alguma força mágica que converta o tempo e o espaço em bens com menos periferias, mais dignos de serem levados em conta.



QUEM DIRIA

Quem diria? Quem sabe como ser feliz em outro lugar?

ESTAMPA EMBALADA

Estampa embalada, vela solta, raiva desgovernada, agasalho em ruínas e o mar negando-se à maré, a árvore descontrolada sem parar de frutificar, desafia o cirurgião, o plano, o controle da natalidade, festeja desafiante um natal todos-os-dias, pari como se fosse um desaforado prato de comida, fora da margem, fora da amostragem, sempre fraterna, caminhando e de mãos dadas com a vida avisando que está viva.



UMA MULTIDÃO DE CRIANÇAS

Uma multidão de crianças deixa a impressão de uma ninhada de descendentes. Confirma o futuro da espécie, inquietando paisagens vazias, dando vida ao silêncio que se retrata ativo no alarido, coisa de artistas mostrando as suas obras. Inquietas e desassossegadas, as crianças temperam as nossas existências.

CONTRASTES

Lanternas mágicas, vulcões, hieróglifos nos espiam curiosos tentando sobreviver, restaurando as controvérsias originadas por ipods, downloads, mouses, chips, smartphone, google, facebook, delete, page down, page up, Skype e Windows.



ASSUMO

Assumo amplamente que estou intimamente ligado ao passado. Recorro a um princípio primeiro de evocar os recursos memoriais para preencher vazios, carregando-os de ressonâncias dando um curso diferente ao tempo que dança entre reverências, pausas e festas tirando um extraordinário proveito descobrindo um novo eu muito dentro, entre o imaginário e a realidade.

DORAVANTE

Doravante, os meus interesses viverão a ponto de justificarem-se como suporte e homenagem aos meus antepassados que deixaram de ser esquecimento e passaram a ser memória de longa duração. Dou-lhes direito à existência identificando-lhes, tirando-lhes da morte definitiva gozam de uma sobrevivência rudimentar que lhes confiro.



ATÉ A MINHA SAUDADE

Até a minha saudade transmutada em esquecimento não escapou do movimento de recuperação no mundo natural. Sua existência depende da prática da retribuição que assegura trocas.

VOLTAR

Na fronteira, diante da mão numa fronte que tenta desvanecer uma recordação, sonho até o fim. Na orla da floresta impenetrável desembarco sem poder ir mais adiante, como gostaria. Esses desejos não voltam, flutuam, deixam de poder servir, afogam-se por inúteis, partem desistentes por falta de satisfações, tomam o caminho dos impossíveis sonhando em voltar.



INSTANTÂNEO

O tempo é instantâneo, condenado a viver renovando-se a cada instante, ele não se sustenta em nenhum minuto, logo será sempre outro tempo, quase mecânico pareceria artificial se não fosse a importância que lhe damos como controle e tese para nos provar que a cada instante nunca mais seremos os mesmos.

MEUS LUTOS

Com quinze lutos já posso compor uma coleção de perdas, posso tirar licença para dirigir meus prantos, carregar histórias, traçar caminhos de volta, enterrar as senhas para que os segredos tenham descanso eterno, manter o olfato vivo para sentir as presenças das ausências, emoldurar documentos, fotografias, ser autor das circunstâncias com o propósito principal de ter uma história.



FRESCA MEMÓRIA

Não estudei a história que manteve vivos tesouros, fresca a memória que repete alegres lembranças aplaudidas, originais, libertadas podendo encantar, não encontrei ainda esta história que evitou a guerra, a morte, as dores que dançam com aroma de drama degenerativo.

QUEM SABE?

Disposição, inspiração, vocação? Quem sabe tudo isto?



CADA QUAL

Cada qual deverá - antes de tudo-, saber das suas fraquezas e dos seus limites. As visitas são diárias às zonas de perigo, e os maiores perigos serão o abuso de poder, a comiseração pelo próximo, o paternalismo, a invisibilidade e o preconceito pois eles criam custos ambientais e sociais e depressões coletivas.

DEUSES EMPRESTADOS

Dispor de deuses emprestados rompe as alianças dos humanos ou entre eles e seus deuses, as velhas alianças de tronos e altares, de cruzes e espadas atingem o fundo do fundo, organizam os tumores que mantêm o apocalipse da maioria em nome do benefício e da glória de poucos.



ESTADO DE ÂNIMO

O estado de ânimo da onde surge os predomínios da vontade de viver estão liberados dos íntimos egoísmos que só se livram nas pequenas trocas, - quase empréstimos disponibilizados em preços - misérias repartidas, cobradas em retóricas menores.

VIVER SEM PRECONCEITOS

A incultura, a idolatria, os domínios na vida íntima, as deficiências naturais, colaboram para as não realizações. Capacitar-se para a vida íntima exige em si que para gozá-la sempre será necessário conquistá-la, se não se a adquire ela não aceitará a convivência. Ela dirá que é preciso confessar-se a generosidade, que estamos constituídos de segredos amorosos ainda não vividos, que alguma paixão impedida espera uma simpatia contrapartida, que um afeto sereno quer viver sem preconceitos.



ANÚNCIOS A VISTA

Uma risonha expectativa anuncia confiança à vista, arde em esperanças.

ANIMALIDADE

Evoco a festa que abre caminho para o que somos, para a animalidade que nos move. Essa festa, que reitera a entrada na vida, carrega as mulheres mais lindas, com o sangue quente inspirando as impurezas, oferecendo um salvo-conduto à brevidade do instante, dando à memória fortes motivos para ser lembrada.



EU VAZIO

Esse amor com tão pouca historia mas com tanta geografia me confisca a anatomia e a fantasia. Eu vazio, não sei onde me instalar, invento uma alegria enganosa em meio à euforia.

CONCEPÇÃO

Subsistem ao tempo a ilusão, a propensão, a repressão, a madeira, a carne e o osso revelam de onde sai a vida, o nome do autor e a origem da obra. Quantas somas, cruzas, trocas, carícias baldeadas para o corpo onde se confirma o intento e a realização.

Ganham intensidade a casa, o medo, a preocupação que avaria a expressão, a saudade.



NADA MAIS

Estacionar em algum lugar, não sair dele por qualquer coisa. Atrevido, agitar a quietude para colher novas lições. Fermentar, marcar com memória, produzir um alto grau de tensão na monotonia, amaldiçoar o bom exemplo, abrir mão da esperança que encalha. Confiar no risco calculado. Flutuar sobre as pragas. Fomentar a ausência de impostos. Perder a razão de tanta franqueza. Abrir gavetas. Ter uma última

desilusão. Roubar um beijo duma criança. Fundear em águas potáveis. Resmungar, choramingar, suspirar, reclamar. Concertar sérios danos ocasionados. Não dar mais um passo, não dizer nada mais além do que já foi dito. Perguntar o essencial, responder o necessário. Aguentar a confusão, expor o riso, exaurir o choro, ir até o fim. Apagar os rastros. Nisto ficar.



VELHAS MANIAS

Essa velha mania de gostar de tudo o que posso, do que gosto bebido como água da fonte, comido com inocência feito mingau pelas beiras. Sempre me faz ter de volta essa vontade de gostar de tudo o que posso, mesmo que eu não possa.

FLORES E RAÍZES

Tantas as vidas, tantas as mortes, sempre os mesmos amores, permanecidos, embora um pouco esfolados. Abatidas algumas convicções, as incertezas andam buscando repousar em alguma guarida. Salvaguardada a pele, a memória, esquecidas as dores, afastadas as decepções, aceitas as idas e vindas, lanço âncoras nas águas marinhas onde guardo a alma restaurada. Cancelo as ofensas nuas e cruas, distribuídas na mão e na contramão.

Implanto, transplanto, refaço o já feito. Procuro canteiros em grandes quantidades. Amo por varejo, necessito por atacado.

O SILÊNCIO DOS FARÓIS

Tendo os olhos cansados de tanta adoração. O que não alcanço entender é o porque do silêncio dos faróis, se negando a ouvir os barulhos, bastando-se com iluminar, estejam contentes em seus lugares, altivos e impassivelmente funcionais, parecendo estátuas.

Porque tanto temer a esse mar que é uma das formas de natureza? Seus murmúrios poucos ouvem, seus gemidos se fragmentam na rebentação das pedras que o recebem gentil, deixando-se cobrir de espumas. Fingido mar, quando todos pensam ali estar sua morte incessante, ele retorna ao curso de sua máxima função, entre marés que levam e trazem o mar, ele sóbrio e abstinente, respeita as luas que ordenam os movimentos, avista limites.

CAÇADOR DO PASSADO

O resgate desse que fui torna-me caçador da minha realidade adormecida no passado. Garimpando-o, encontro aqui e ali um esquecimento feito pó deixado em cada lugar por onde vivi intensamente. A voz que cantava era condutora dos meus sonhos, fazendo da ternura um produto de contágio proposital. Cada sorriso uma propriedade privada ternamente deixada em algum canto. Temia que alguma traição me violasse a sede de viver.

Ensinaram-me um desejar reduzido, inibido, envergonhado, sofrido. Vivi com culpa minha natureza que brotava inteira e honesta por todos meus poros. Quantos sonhos nasceram e morreram calados dentro de mim. Sigo sentindo como uma criança assustada que teme confessar-se atemporal, sabendo ser o tempo um dos crônicos mistérios, promotor de angústias que criam desafios entre a paixão e a resignação.

Especializei-me em cuidar dos outros embora eu seja um daqueles que mais necessita de cuidados. É que esse meu olhar fica curto para alcançar ver-me em minhas carências. Uma das caras da minha onipotência pretende despojar-me do vazio que me habita, disfarçando minha fragilidade ao simular fortalezas.

QUASE TODAS AS BONDADES

No pouco sereno caminho que indica o lugar dos mistérios, busco o curso das virtudes. Busco incessante antes de descansar. Descritas no crepúsculo do dia, permito-me olhar, as quero assíduas presenças. Examino o modo como em cada acontecer se apresentam. Graduadas e harmônicas, as raízes instaladas nos ventres geram-me uma avalanche de ideais. As oníricas belezas vertidas iniciam e sustentam uma continuidade. Os significados expostos dando lugar à alegria, só por um simples existir, afastam uma descontinuidade que seria aceita não fosse a consciência que clama e grita mantendo a serenidade por perto.

Embora não pareça, não me incomoda um próximo fim, nem as belezas que deixarei de ver. Incomoda-me essa declaração de impotência temporal vencido por um desgaste maior do que um simples corpo pode sustentar. Gastado por estímulos excessivos, sou forçado a aquietar-me na noite escura usando o ar com parcimônia e a companhia da vida com gratidão. De tão agradável, não ousou declamar a graciosa e discreta natureza contida no informe que o tempo oferece cada dia, no jeito de como acordo, profundamente metido

na vida plena que se oferece para ser vivida a cada dia. Hesito um momento, temeroso de desagradar os lugares e as pessoas que me cercam. Em tal ocasião, com certeza absoluta, por causa de alguma ação fortuita aqueles a quem mais amo provavelmente não virão. Mostrarão que nem todos os ideais se realizam, nem todos os amados se sensibilizam.

Conservando uma abertura ingênua que me favorece, sigo acreditando nas pessoas, embarco nesses mares cheios de sonhos onde jamais se naufraga e onde abrigam em suas águas tranquilas todas ternas amizades e quase todas as bondades. Sem grandes perigos, ali posso tranquilamente sonhar, ter todas as vantagens enamorando-me da vida e de todas as coisas tidas como belas.

Morrerei inconcluso.

ENTRE O PRESENTE E O FUTURO

Vi, por óbvio, toda a impossibilidade de saber o futuro. Não posso garantir nada que não fosse conhecido no presente. Impregnado pelas coisas impossíveis que se me impõem pela realidade, importo uma fantasia que mate a minha curiosidade.

A despeito da coragem e do tamanho da imaginação, incitei a ficar sujeito, a deixar de atender aos sonhos de cada um que me cerca. O que me faz antever quaisquer danos ou compensações?

O futuro com sua obscuridade, não me permite ver individuação alguma, nenhuma busca de indulto.

NADA MAIS

Estacionar em algum lugar, não sair dele por qualquer coisa. Atrevido, agitar a quietude para colher novas lições. Fermentar, marcar com memória, produzir um alto grau de tensão na monotonia, amaldiçoar o bom exemplo, abrir mão da esperança que encalha. Confiar no risco calculado. Flutuar sobre as pragas. Fomentar a ausência de impostos. Perder a razão de tanta franqueza. Abrir gavetas. Ter uma última desilusão. Roubar um beijo duma criança. Fundear em águas potáveis. Resmungar, choramingar, suspirar, reclamar. Concertar sérios danos ocasionados. Não dar mais um passo, não dizer nada mais além do que já foi dito. Perguntar o essencial, responder o necessário. Aguentar a confusão, expor o riso, exaurir o choro, ir até o fim. Apagar os rastros. Nisto ficar.

POR FORÇA DA TRADIÇÃO

Por tradição ensinaram-me a afastar a palavra fria, acatar quem ordena, nunca chorar de cortar o coração, tratar a febre quando excessiva e jamais prometer um amor definitivo. Saber ficar horas sem dizer nada ao outro. Acostumar a vestir o que é cômodo. Abrir livros para aprender. Cotizar na carestia e, sempre que possível, pensar para ultrapassar a limitação. Costear os montes e não nadar em águas desconhecidas. Não oferecer intimidades a quem não saiba reservá-las. Evitar quem tenha palácios e cavalos agitados. Ser prudente. Mudar o rumo na mudança dos ventos. Objetar e duvidar. Defender por princípio. Evidenciar a convicção para não deixar dúvidas onde não valha a pena. Não ficar só no singular, desejar como necessário, permitido e indispensável.

ALMA POROSA

Do fundo da minha alma calo e assisto a um sentir que faz mais sentido sendo quieto do que dito.

Havendo sobrevivido, aprendi a cair, perder pedaços com cada morto amado em vida. Sobreviver como se houvesse perdido tudo. Salvadas as lembranças, retomado o rumo, que me banhem o sol e a lua.

Já não basta uma inocente desculpa para não seguir. Novo passaporte, a troca do impacto pelo nada. Escolho a rua, o passo, a comida, a marca do café, a hora do sono. Rompo as margens, a vida libertada, não circunscrita a nada, nem a ninguém.

Minha alma ficou tão porosa, que deixa a vida por ela passar, a vida que passa, que passa, que muito rápida já passou.

CATO ENREDOS

Não há mais espaço para o que me importa. Agora sei o quanto é sério controlar tantas vontades de viver. Possivelmente, forças acessórias, relegadas a um canto em desuso, recuperam sua ânsia, são como campainhas abandonadas que me despertam para atendê-las. Quando eu já estava silencioso e o silêncio já não mais me preocupava de tão esquecido, as vontades não nascidas ali, transcritas ao longo de gerações, despejaram em mim um desfile de urgências importantes.

Enquanto as pedras sustentam Baalbeck, acatam o pó que a elas cresce, eu me debato farto de abraços breves, de retiradas sem aviso, de tantas bocas usadas, de tantas almas magoadas.

Todas as proteções tentadas ficaram nas promessas, todos os refúgios ocupados. Cato enredos para definir a próxima cena.

TEMPO

Entre os olhos que distinguem, existem mágicas descobertas sobre as coisas vistas. As fantasias se acrescentam quanto mais me chegam os anos. Diminui-me o medo de viver entre harmonias espalhadas. Nas coisas mais elementares como um movimento, uma cor, um vento, um pôr-do-sol, faço descobertas das numerosas formas que despertam o encanto da apreciação. Sem a pressa dos últimos anos, me subordino à exigência de ter tempo para deixar acontecer. Quando acontece, saboreio o acaso. A vida escolhe através do espírito amadurecido pela experiência. Torno diverso o mesmo sentir de sempre, dou-lhe a forma com outro contorno, embora nele veja o de sempre, esse meu jeito mediterrâneo de sentir exagerado.

TRAGO COMIGO

Trago comigo uma coleção de lembranças guardadas a sete chaves. Sonhos que frequentei, lugares que já não existem, acabadas alegrias outrora correspondidas. Reúno novas estrelas para cobrir meu céu. Quando não me resta outra possibilidade, saio por aí, concordo em ir para fora de mim. Entre uma conciliação e uma resistência combino ficar de acordo com a realidade. Acordo nada responder até que minha sensibilidade adormecida não se ponha triste a ponto de não suportar a si mesma. Combino lembrar dos sonhos que logo esqueço, abandono-os para o passado, que coleta os perdidos. Aceito que cada um deles tome um rumo e se perca no tempo que escoo rápido.

Perdi a agilidade de lembrar, me falta multiplicar essa vontade de sair voando por aí. Persiste uma novidade que anuncia ter um novo sentido para tornar o efêmero definitivo.

SE TU NÃO EXISTES

Se tu não existes tal como te vejo, então é minha imaginação que te cria?

Faz-se necessário a consideração de querer saber se sou aquele que te inventa para dar à vida uma roupagem, como homenagem. Tal é minha criação? Ainda duvido. Não saberia como emitir uma solução que obtivesse semelhante solução.

Fragmento um poema mediterrâneo, uma dança oriental, como todas minhas obras, faço um arquivo de tudo o que me motivaste. Sigo tentando acreditar ser o autor.

Alguma âncora me convidou a ficar, fiz muito, recolhi as velas estendendo o tempo de ficar, dilatei uma inspiração incomum. Fostes uma inspirada obra que me chamou, usei a melhor astúcia para depositar em ti toda a sensibilidade. A mais mortal das lembranças plantei em ti, pus ao alcance de todas as faces da tua alegria. Ocupando todas as margens, discreta e serena executaste esse modo de viver autônomo desobediente do criador que ficou sem saber onde andar, se andar rastejando buscando tua sombra ou detido na contemplação, feliz de fazer de ti meu exílio.

Como um ente imaginário, diz-me quem és? Uma invenção, uma quimera, uma utopia? Esforço-me para dar-te algumas expressões de reconhecimento, dar-te um rosto copiado de uma obra de arte, nem lembro se pintada ou esculpida, personalizando a qualidade que te reservei.

Porém, amenizo minhas dúvidas quando vejo que a tua beleza saiu da fotografia, sem retoques para esconder-se no meu espanto, ali ela se mostra esplendida e brilhante, instantânea ficou permanente. Ficou, já ninguém, nem o tempo a removem dali.



Roberto Curi Hallal

